



A LITERATURA COMO UM EXERCÍCIO CRÍTICO: O AMANUENSE BELMIRO E A TRAGICIDADE DA INTELECTUALIDADE.

Bárbara DelRio Araújo¹

RESUMO: Esse artigo pretende apresentar apontamentos de como a literatura pode promover a reflexão acerca das relações sociais e históricas mesmo diante de contextos atrofiadores e manipulados. Nesse aspecto, discutiremos sobre a função mimética dos escritos literários, que mesmo de modo inverossímil, camuflado ou individualizado, estabelece a vitória do realismo na representação, sendo perspicaz para o exercício da razão crítica. Isso é, o engajamento é uma característica pungente e se revela mesmo à espreita. Diante dos fundamentos materialistas executados por György Lukács, Theodor Adorno, Antônio Candido e Roberto Schwarz, analisaremos *O Amanuense Belmiro*, relegada inicialmente pela crítica literária por não promover a discussão social, em função da capacidade de configurar, na sua forma, a tragicidade da formação do estado democrático brasileiro e a construção da autocracia burguesa nacional na figuração representativa do intelectual e de sua escrita intimista.

Palavras-chaves: Literatura e Sociedade, Realismo Crítico, *O Amanuense Belmiro*.

LITERATURE AS A CRITIC EXERCISE: O AMANUENSE BELMIRO AND THE INTELECTUAL TRAGICITY.

18

ABSTRACT: This paper aims to demonstrate how the Literature can promote the reflection about the social and historic relations although in atrophied and manipulator contexts. In that regard, It'll discuss how the mimetic role in literary studies, even not verisimilar, veiled, or individualized, establish the realism victory representation, becoming keen to the reason criticize exercise. I.e., the engagement is a vigorous characteristic and is revealed even in lie in wait. In face of materialism method developed by György Lukács, Theodor Adorno, Antonio Candido and Roberto Schwarz, We will analyze *O Amanuense Belmiro*, relegated, by the begging literary critic, about banning the social discussion, in function of its capacity to configure on aesthetic form the tragicity of national democratic estate build and the national bourgeois autocracy specially in a intellectual figurativization and its intimate writing.

Keywords: Literature and Society, Critic Realism, *O Amanuense Belmiro*.

A literatura na sociedade e na sala de aula

Em seu texto clássico, *O direito à Literatura*, o professor Antônio Candido desenvolve reflexões acerca da importância dos estudos literários na formação do aluno

¹ Professora efetiva de Literatura no Centro Federal de Educação tecnológica de Minas Gerais - CEFET/MG. Doutoranda em Literatura Brasileira pela UFMG



bem como para a reflexão crítica da sociedade (CANDIDO, 2004, p.169). Nesse contexto, o estudioso dialoga com o raciocínio adorniano de como o esclarecimento e a barbárie estão entrelaçados de modo dialético. Recuperando os pressupostos de Theodor Adorno, pode-se dizer que na modernidade nunca estivemos tão perto do desenvolvimento tecnológico, do progresso industrial e ao mesmo tempo tão longe do real esclarecimento:

O aumento da produtividade econômica, que por um lado produz as condições para um mundo mais justo, confere por um outro lado ao aparelho técnico e aos grupos sociais que o controlam uma superioridade imensa sobre o resto da população. O indivíduo se vê completamente anulado em face dos problemas econômicos. Ao mesmo tempo, estes levam o poder da sociedade sobre a natureza a um nível jamais imaginado. Desaparecendo diante do espelho a que serve, o indivíduo se vê, ao mesmo tempo, melhor do que nunca promovido por ele. Numa situação injusta, a impotência e a dirigibilidade da massa aumentam com a quantidade de bens a ela destinados. (ADORNO & HORKHEIMER, 1985, p.14)

O progresso das ideias num país periférico tem sua complicação ainda mais incisiva na medida em que não elimina os arcaísmos e, as credices, mas combina com eles, sem polarizar; posterga-se, portanto, qualquer possibilidade de resolução, mantendo, assim, o conflito trágico. Perspectivas otimistas podem ser empregadas na medida em que percebemos a cultura como capaz de desvelar nosso percurso histórico e criar possibilidades de reflexão crítica diante da realidade. Caso concebamos a Literatura com uma esfera somente do deleite, do entretenimento ou do lúdico, às vezes até mesmo hermética ou individual, poderíamos obliterar a sua função mimética, mas ela nunca estaria comprometida.

Aqui é preciso um adendo do que seria essa função mimética da literatura. Para isso é preciso distinguir *mimesis* de *imitatio*. A distinção reside no fato de que o conceito de *imitatio* limita o significado de *mimesis*, uma vez que o primeiro se refere apenas à representação, enquanto o segundo diz respeito à representação e à expressão. Dentro do sentido mais adequado, considerar que um narrador possui um desempenho mimético é considerar que este não se empenha apenas em representar algo, mas também – ou principalmente – em dramatiza algo e dramatizar a si mesmo, assumindo uma postura de mutação constante (SOUZA, 2006, p.17). Nesse aspecto, a literatura além de representar deforma a realidade para apresenta-la de modo crítico. Há nela um grau de criação e documento histórico inegável:



Vista deste modo a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie e de fabulação. (...). Os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma e engaja, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente e os problemas (CANDIDO, 2004, p.174-175)

Diante do exposto, a literatura propõe a construção de objetos autônoma, mas também dependente do panorama histórico; ela é forma de expressão da individualidade, mas também de grupos sociais, ela é forma de conhecimento, mas não como instrução, mas como construção na medida em que configura forma e conteúdo na transfiguração da realidade (MURAKOVSKY, 1978, p.144)

O significado interpretativo de um texto literário ocorre em diversas instâncias, como explicita Rildo Cosson, deve ser alvo da formação dos alunos em sala de aula. (COSSON, 2009, p.23) O objeto estético deve ser contemplado a fim de verificar como nele a matéria o conteúdo se torna forma e o significado nasce nos rumos que esta forma lhe imprimir. Deste modo, a estrutura do texto literário se revela como a sistematização dos elementos biográficos, históricos, sociais. Na fatura eles aparecem em tensão que permitem a estratificação dos significados e devem ser exploradas em sua totalidade:

Para prevenir mal-entendido, nota-se que estamos no polo oposto do reducionismo, pois não se trata de acomodar a obra a um esquema sociológico preestabelecido. (...). Repetamos que esse tipo de imaginação não é a redução de uma estrutura a outra, mas a reflexão histórica sobre a constelação que elas formam (SCHWARZ, 2009, p.28)

Nesse sentido, a literatura ele pode contribuir no exercício crítico do pensamento na medida em que a tomamos como dotada de lógica específica, que não se esgota em si mesma em manifestação singular, mas que tem âmbitos distintos e articuláveis, por exemplo, com formas preexistentes como a histórica. Essa é uma força profunda que não atua como involucro da obra literária, mas num dinamismo particular onde atritará com outras forças e esboçará algo de si. Deste modo, podemos amarrar essa fala pensando que a literatura é crítica pela mimese. A mimese pode ter valor crítico ou alinhar –se com o obscurantismo, pode inclusive ter efeito crítico graças a esse último alinhamento, tudo dependerá da força relativa do conjunto (SCHWARZ, 2009, p.40) Vale pena, então,



insistir na análise da estrutura interna da obra, pois a sua particularidade estética, incluí-se aí até mesmo o seu malogro, pode revelar e muito da vitória realista sendo ela perspicaz na toma da de consciência histórica.

A figura do intelectual em *O Amanuense Belmiro* e suas implicações na discussão sobre a formação trágica do Estado Democrático de Direito

O primeiro livro do mineiro Cyro dos Anjos, *O Amanuense Belmiro* (1937), fora muito aclamado pela crítica literária devido à estratégia narrativa e ao uso de técnicas elaboradas, isto é, figura nele um acabamento ímpar, equilíbrio e realização quase perfeitos. Trata-se de uma escrita narrada em primeira pessoa, onde se percebe o desdobramento e a figuração de um narrador e do personagem. Compondo o enredo está Belmiro Braga, burocrata, ensimesmado, descendente de uma aristocracia rural falida que ocupa hoje Belo Horizonte. Ele decide por no papel as suas elucubrações mais íntimas e é aí que surge essa segunda voz, o narrador que examinará no presente e filtrará o passado dos detalhes vividos por Borba:

Existe aqui, na motivação da escrita, o primeiro sinal de desdobramento da personalidade de Belmiro: ele tem que desidentificar de si, criar um duplo de si mesmo em outro tempo. O tempo, aliás, conforma os dois Belmiros: existe o Belmiro do passado, ingênuo e esperançoso, e o Belmiro do presente, cético e reflexivo. A distância temporal engendra uma disjunção existencial; (...) Belmiro-narrador (o Belmiro do resente) é produto da vivência do Belmiro-personagem (o Belmiro do assado); o narrador, portanto, ao iniciar a narrativa acumula uma série de experiências vividas por ele mesmo enquanto personagem. (...) No fim desse processo, vemos um Belmiro confrontando o outro. (FERNANDES, 2012, p.185)

O desdobramento dessa personalidade ficta é imprescindível para o entendimento da toada do romance, que se configura na reunião de contrários, instaurando o conflito trágico, sobretudo pelo viés da ironia que põe em cena o homem tolhido pelo excesso de vida interior, que melancolicamente escreve seu diário tentando compreender a realidade. Nesse sentido, para além da escrita de si, o espaço narrado é o meio de mediação entre a busca pela evasão e, contraditoriamente pelo eu-narrado, análise do fato vivido, de modo a encará-lo, desempenhando uma dinâmica entre o que foi vivido e o sonho:

Belmiro escreve porque precisa abrir uma janela na consciência a fim de se equilibrar na vida, o que não importa em ilusão quanto ao verdadeiro significado deste trabalho



(...). Numa ordem mais geral das ideias, pode-se dizer que o amanuense é uma ilustração do gravíssimo problema dos efeitos da inteligência através de seu poder de análise, sobre o curso normal das relações humanas. (...). As atitudes belmiriana resulta de uma aplicação do conhecimento aos atos da vida – entendendo-se neste caso por conhecimento a atitude mental que subordina a aceitação direta da vida a um processo prévio de reflexão (CANDIDO, 2004, p.77)

Na sua escrita, Belmiro a tudo relativiza, marcando a narrativa de uma mistura estilística ímpar: o ritmo rápido capta os acontecimentos e cenas, o ritmo lento fica para a reflexão analítica, esse último parece predominar. Há na narrativa um desenvolvimento elucubrativo intelectual, mas que revela o clima melancólico: “A elegância da narrativa é derrotista; constata e descarta o que não prevaleceu” (SCHWARZ, 1978, p.12).

Belmiro cria mitos, finge e ironiza, mas nessa ação a paisagem real transparece e a sua degradação é exposta. É como a raposa da fábula que critica as uvas e desdenha, sendo que na realidade há um despeito pela condição de incapaz por apanhá-las, Belmiro a tudo analisa, para não ser analisado. Suas digressões sobre os acontecimentos são compostas de opiniões, que ocorrem comumente sobre as digressões narrativas, sem nenhuma preocupação de coerência, o que deixa evidente sua volubilidade. Segundo Schwarz, “a ironia, de segundo grau, mal se confunde com um conformismo simples, entretanto nela se coloca uma ironia maior, pois esse conformismo não é uma opção, mas o modo que pode viver no seu fracasso. A prosa risonha, a sua posição acida anima principalmente a sua submissão”. (SCHWARZ, 1978, p.13)

Belmiro fantasia, mas, em algum momento, irrompe o mundo dos sonhos e a realidade sempre bate à porta o colocando em cheque. Há uma pungente ironia na narrativa quando se confronta o eu narrado e o narrante de modo a ridicularizar as posições. Pode-se dizer que na narrativa existe uma hipertrofia da subjetividade que se manifesta na soberania do capricho, na volubilidade, no constante rodizio de posições e pontos de vista. A democracia nele e a tolerância são aparentes (ROUANET, 2007, p.35). As vezes ele é ácido e se desidentifica para fazer a crítica, mas ela acaba incorrendo sobre ele mesmo. Certa manhã, ele alinha sobre o papel versos frustrados, enquanto seu chefe pigarreia. Sem inspiração, ele denuncia o quanto os amigos dele de seção exercem com desencanto suas funções e que não nasceram para aquilo: “Os demais ficam na burocracia militante e inconformada recusando-se por espírito em função no ofício que lhes parece tão contrário a vocação e preferências. E assinam o ponto com rebeldia na alma e desprezo



pelas mãos” (ANJOS, 1983, p.36). Descritos como desviante, por terem ido para a burocracia como um erro na vida, Belmiro se desliga aquele cenário e afirma:

Quanto a mim, se algo há de que me ache firmemente convencido é ter neste bureau um destino logico, que no fundo não me contrita. Mal posso na verdade conter um movimento de ternura quando contemplo, ao pôr do sol, o edifício grave e acolhedor de nossa Secretaria e quando me lembro da promessa honrada que nos faz o Estado de uma aposentadoria condigna (ANJOS, 1983, p.37)

No fingimento, a ironia é pungente e se desvela num ceticismo falseado, mas acaba revelando a realidade. Para além disso, ele afirma em páginas subsequentes que “a seção só fomenta seu lirismo, suas mágicas e seus fantasmas” (ANJOS, 1983, p.54).

O amanuense embebido das suas reflexões mostra a interpenetração do indivíduo e das máscaras sociais e, na medida em que contesta, acaba expondo a si como parte do teatro. A ironia assim funciona; ela acaba por revelar o nosso personagem, que ridiculariza a vida medíocre dos homens submetidos às regras e convenções, mas isso é tudo que ele também se torna. O narrador não adota um ponto de vista absoluto e sempre utiliza mascaras narrativas por que sabe que a multiplicidade do real “solicita uma representação que se pluraliza no concerto das vozes que se dialetizam. Para se haver com a multiplicidade dos caracteres que atuam no mundo histórico-social, o narrador assume a função de coro, de personagem coletivo, dos atores da vida em sociedade” (SOUZA, 2006, p.52)

Interessante é entender que Belmiro

[...] reflete, mas — paradoxalmente — não critica; pensa, mas suspende o juízo crítico do pensamento. Os dois planos do presente, assim, se fecham em estado de paralisia: por um lado, os acontecimentos narardos e descritos do mundo social “não formam, embora esbocem, um sistema autônomo, de outro, o gesto reflexivo no presente é muito tímido para questionar seja a existência atual, seja a passada (GIL, 2004, p.59).

Lafetá aponta a ironia como um recurso comum a narrativa de Cyro dos Anjos, aliás, ele afirma que é tal empreendimento que consegue alternar o mundo interior, dos sonhos, da ilusão em confronto com a realidade objetiva (LAFETÁ, 2004, p.25). De fato, a ironia é dada pelo conflito entre realidade e aparência. Belmiro evidencia como é importante o teatro gratuito para se sobreviver. Sublimar tudo, para uso fruto pessoal.



Nesse aspecto, ficam evidente as máscaras sociais e a crise da autonomia desse indivíduo. Belmiro se reinventa, mas esconde nisso uma profunda tristeza nessa desidentificação. Ele busca ser elegante, mas o que transparece é seu prosaísmo. Na sua vida, a tensão entre a individualidade e o mundo desaparece, o equilíbrio se rompe. Temos a apresentação do fracassado: “Forçado, como o herói desiludido, à aceitação das “formas de vida” que lhe são impostas pela sociedade, o pobre diabo já não tem mais a força daquele para recuar sobre si e conservar intacta na alma, ainda que frustrada, a interioridade dos seus ideais” (PAES, 1990, p.56)

Interessante é notar que ao sublimar a face real, há nisso uma estratégia classista. Ainda que inapto e desconfortável na configuração dos sistemas, Belmiro “cai para cima”. Ainda que o tom nostálgico do passado pareça mostrando a tristeza, o presente é menos pior; afinal, conseguiu uma aposentadoria tranquila. Ainda que se sinta sempre deslocado, não servindo plenamente a nenhuma das ordens, o seu destino é trágico e por isso é preferível sublimar que encarar: “E finalmente, a contingência de ganhar o pão é promovida a ‘necessidade vital’, tornando temível não mais a fome, mas o estado ‘contemplativo puro’. O país de Belmiro, embora silencioso e filosófico, é cheio de marechais” (SCHWARZ, 1978, p.18).

É a burocracia que assegura e reforça sua postura imparcial, mas que transparece o privilégio. Nesse aspecto, é mister notar como em sua fala as classes a diferença aparece mas não é acessada. A questão de classe fica evidente no seu tom sempre recitado e fraternal como parte de uma sensibilidade populista que se projeta sobre as massas, mas logo a sublima, se some, permanecendo distanciado e individualizado: “O mais cômodo é entregarmos-nos a ele, acompanharmos a maré” (ANJOS, 1983, p.101). Assim, Belmiro é a mimese de uma modernização conservadora que invade os limites da burocracia e da cidade, mas arrasta consigo os privilégios da casa grande, da fazenda. A situação trágica se impõe por conciliar duas ordens decadentes, reproduzindo a condição deslocada, minguada, o que sobrou. Belmiro espera o salário pouco e a morte chegar. Ele passa do mesmo ao mesmo, não há transformação radical, ele existe sem existência. Belmiro está plantado rompido com o passado dissociado do presente. Há uma falta de naturalidade, que por mais que se tenha a aposentadoria digna transparece a pior das situações: imobilidade, forma negativa e conciliação. “Por consciência não aceita mais o ciclo



natural das coisas: família, trabalho e filhos; pela situação vive a vida imutável a qual somente o ciclo natural traria variações”. (ANJOS, 1983, p.19)

Na oposição relacional entre o espaço da fazenda e da cidade, percebemos que o ideal democrático se esvai mantendo-se os privilégios. Ainda que com uma aposentadoria descente, a urbanização onera, aperta, mediocriza a vida de Belmiro, oferecendo um trabalho idiota e uma vida de ilusão com rodadas de chope. Lá parece que todos são iguais, quando de fato não são. Belmiro é vítima e beneficiado a um só tempo de modo que sua gratidão deve ser melancólica, sua crítica amena e sua posição incerta (SCHWARZ, 1978, p.19).

O romance da urbanização, pelo tom lírico da narrativa em oposição às ações dramáticas, reitera a observância que entre o campo e a cidade não houve uma transformação radical, num processo de modernização conservadora. O trágico na obra, o irremediável “não está na perda, mas na continuidade, os traços não variam, mas sim a sua acentuação (...) o tempo deve a força do que não produziu (...) a imobilidade, forma negativa de conciliação é a sua figura final” (SCHWARZ, 1978, p.20).

Belmiro demonstra um ser humano que aspira a condição de indivíduo com todas as suas potencialidades no ambiente urbano, mas a tentativa se mostra irrealizada e as contradições histórica ficam evidentes, isto é, revela-se como no Brasil a modernização se dá pela lógica conservadora e a urbanização e a tecnologia se associa como algo monstruoso. A expectativa de um Brasil burguês e moderno só se cumpre no âmbito das contradições. Aqui se revela uma lógica do indivíduo monetário sem dinheiro, isto é, parece existir a lógica da afirmação, mas a própria condição de inserção do país no capitalismo faz com que essa medida afirmativa não funcione. Gerd Bornheim, analisando as condições de estabelecimento da individualidade na modernidade relaciona o projeto político burguês pautado no capitalismo e afirma que a autonomia desse sujeito está relacionada a valorização do trabalho, entendida como práxis afirmativa, como modo desse indivíduo se inserir no mundo do capital, nesse aspecto, incentiva a propriedade privada e por isso está mais centrada na posse individual que no interesse coletivo e por fim o capitalismo mais que um meio de trocas revela um fim em si mesmo, base de autonomia onde é impossível configurar a liberdade ou autonomia do ser humano. (BORNHEIN, 1983, p.33)



Esse aspecto nos faz retomar a tragicidade da narrativa de Cyro dos Anjos, que embora repleta de lirismo, a belmirização não estabelece a figuração de um indivíduo, mas alguém cindido. Nessa obra figura-se um sistema desigual, em que a figura do fracassado representa condições de cidadania aquém do mínimo necessário para sobrevivência. Revela ainda que muitas vezes essa cidadania é conquistada pelo sistema arcaico de favores, que favorece apenas a mesma classe. Belmiro, assim como os amigos, não se coloca sobre seu meio, antes esse converge no herói todas as mazelas do sistema histórico e econômico, incluindo aí o achatamento de sua visão e da sua condição de indivíduo. Vergado pelo seu destino, Belmiro desempenha ora o papel de ator principal, ora de espectador, mas na totalidade ao vermos um fracassado e mais o desenho de um contexto onde não há possibilidade de uma vitória sensata, pois há a própria redução da vontade de se opor aquelas forças, reduzindo a horizontes possíveis dentro do sistema de exploração econômica, sempre restritos para ele (BUENO, 2006, p.595) Seu aburguesamento, sua solução pela via intelectual demonstram a pequena parte que lhe cabia na modernização, excludente. Fica evidente nesse processo de burocratização e formação do intelectual conjugado ao serviço público a negação da maioria e os privilégios de uma classe, que embora diga esclarecedora não se relaciona com as massas e não resolve sua própria problemática. Trata-se de uma trágica promessa que vive na autocontemplação, confina a esfera público e privado, sem ser capaz de trazer mudanças efetivas nessas instancias. É um indivíduo frustrado, sem projeção autônoma, quanto intelectual se projeta acima das circunstâncias, não cumpre a função esclarecedora, não incorpora o outro, não se mistura a multidão. Não se torna sujeito, recusa a vida, por um lado. Por outro, desenvolve uma retorica, pura blague, que não ascende o lado particular nem o coletivo.

O mesmo ocorre com Silviano, ocupante da universidade se envolve em problemas com soluções anódinas. Não se imiscui as camadas, pelo contrário, não se deixa medir pela bitola comum: “ora tem gestos soberbos, ora caprichosos de criança(...) não sei, além disso, até que ponto faz teatro para os outros e para si mesmo”. (ANJOS, 1983, p.178)

Para discutir como a figuração do intelectual e do burocrata está associada a certa tragicidade é importante entendermos como essas classes surgiram no Brasil e foram introjetadas na dinâmica do funcionamento social. O ponto de partida é os domínios



rurais, onde domina o patriarcalismo, os laços familiares, de compadrio e de subordinação econômica. Essa esfera terá continuidade o desenvolvimento das cidades e das instituições políticas em formação, como Sergio Buarque já sistematiza em *Raízes do Brasil*:

O quadro familiar torna-se, assim, tão poderoso e exigente, que sua sombra persegue os indivíduos mesmo fora do recinto doméstico. A entidade privada precede sempre, neles, a entidade pública. A nostalgia dessa organização compacta, única e intransferível, onde prevalecem necessariamente as preferências fundadas em laços afetivos, não podia deixar de marcar nossa sociedade, nossa vida pública, todas as nossas atividades. Representando, como já se notou acima, o único setor onde o princípio de autoridade é indisputado, a família colonial fornecia a idéia mais normal de poder, da respeitabilidade, da obediência e da coesão entre os homens. O resultado era predominarem, em toda a vida social, sentimentos próprios à comunidade doméstica, naturalmente particularista e antipolítica, uma invasão do público pelo privado, do Estado pela família. (HOLANDA, 1992, p.50)

A instituição representa assim uma simbiose entre as conquistas humanas, o apreço pelo racionalismo e as estruturas que as fomentam. No caso, as instituições existem sem o cultivo da totalidade, desligadas do campo social e econômico, onde predomina pouca transformação e muita retorica da aparência. Aqui, pelo modo da nossa formação não foi possível institucionalização do poder político em simetria com a sociedade. Com o patriarcalismo como extensão e persistência, constituirão da ordem política é o arranjo de leis e constituições falsamente normativas. Nesse contexto, o povo fiava a mercê de uma ordem particular. Aliás, as relações de produção e de classe ficam inalteradas, pois a estrutura produtiva colonial permanece; o governo se preocupava como detentores da família e de seus empregos públicos. Isso foi praxe no império e também na república. Interessante é que em meio a tudo a formação de uma classe média, formada por quase uma totalidade de empregados públicos que vai se aristocratizando:

A luta política desencadeada pelos setores da pequena burguesia urbana e pelos funcionários públicos de formação liberal- as camadas médias- não conseguirá alterar as perspectivas econômicos-sociais da burguesia brasileira. Desse modo a proposta de uma revolução anticolonial não ultrapassara as fronteiras de uma duvidosa emancipação política. A inexistência de condições históricas que direcionassem uma ruptura concreta com a estrutura socioeconômica colonial possibilita a burguesia latifundiária que assuma o processo de independência e, posteriormente crie um aparelho de Estado dentro de suas diretrizes ideológicas, com o cuidado de afastar quaisquer iniciativas que apontasse para o perigo de transformações mais radicais. (MAZZEO, 2015, p.83)



A atuação de um liberalismo sem freio em uma governança que prescinde o cidadão para constituir autoridade evidencia a chancela de uma corrupção e de uma votação nada democrática em que política e partido servem ao poder. As revoluções democráticas burguesas promovem o triunfo do liberalismo e vemos uma laicização do estado juntamente com uma luta de ideologias a conquistar consciências, intensificadas pelas lutas sociais. A sociedade civil se vê no papel de conquistar ou questionar a legitimidade dessas frentes, entretanto elas também têm objetividade apresentando como um conjunto orgânico da esfera social e econômica. A organização da cultura e da intelectualidade e passa por aí e não é algo subordinado ao estado, mas resulta dessa trama plural. Muitas vezes eles articulam com os organismos privados, lutando por um grupo específico o qual tem afinidade ainda que tentem perpetuar uma ideia autônoma de cultura (COUTINHO, 2005, p.17)

Diante do modo como se constituiu a organização cultural e o sistema de instituições da sociedade civil brasileira, a função dominante desse grupo intelectual é mais de concretizar a reprodução da sociedade do que sua transformação. Assim, a autonomia dos intelectuais era relativa e minimizada, restando a maioria a cooptação pelas classes dominantes, tornando-se funcionário público do estado. Intelectuais, Partidos, organização cultural não eram arte da massa, mas apêndices do estado. No início da República Velha, a vida intelectual estava em reestruturação e se mostrava condizente ao trabalho de dominação, assumindo formas dissimuladas e sem grandes autonomias quanto à reflexão social brasileira (MICELLI, 2001, p.17). Segundo Miceli, na década de 1930, grandes partes dos intelectuais que se tornaram militantes nas organizações radicais de direita durante os anos 30 não o faziam por compatibilidade de ideais: eram jovens carentes de apadrinhamento político e sem perspectiva de enquadramento profissional e ideológico, que buscavam mesmo era “uma posição no novo regime”. (MICELLI, 2001, p.135)

Deste modo, percebe-se que o engendramento do intelectual assume o traço de favor pessoal, sempre agraciado com empregos, que tinham certo status e disfarçavam a subordinação as classes dominantes:

Nem proprietários nem proletários seu acesso a vida social e os seus bens dependem materialmente do favor, indireto ou direto de um grande. O agregado é sua



caricatura, o favor é, portanto, o mecanismo através do qual se produz uma das grandes classes da sociedade, envolvendo também outra as do que tem. (SCHWARZ, 2000, p.16)

Essa posse da cultura era o meio para os homens com pouca propriedade ou está falida, que precisavam de um trabalho sem o estigma da condição escrava. Assim, poderia dedicar ao ócio desenvolver seu estilo, mas sua condição já indicava seus laços presos a aceitação. Trata-se de um intimismo a sombra do poder, em que sua intimidade poderia ser cultivada, dando-lhe insumo a subjetividade criador, desde que isolada aos problemas da nação. Importante ainda é entender como eles eram tomados por certo ecletismo, com caráter pseudodemocrático, pois suportam a consciência conservadora: “o pensamento eclético como doutrina conciliatória e de crítica e negação dos pensamentos revolucionários, servia para manter o status quão sem perigos de rupturas, onde vale tudo” (MAZZEO, 2015, p.90). Nesse contexto está Belmiro, apaziguando e obedecendo os senhores. Ele é consciente da sua limitação e a associação entre e postura de intelectual frustrada de Belmiro e sua função de burocrata é bastante explorada na obra, o que nos revela diante de tanto lirismo as contradições da sociedade civil, a vida intelectual subserviente da classe média e acultura ornamental que aqui desenvolvera:

29

No fim dos anos 20, começo dos 30, muitos intelectuais tenderam a associar suas atividades com as do Estado, por eles definido como “a representação mais elevada da Nação”, e ao qual atribuíram a preservação da ordem, a organização e a unidade nacional. O papel desses intelectuais, acreditavam alguns, era inseparáveis dos objetivos mais amplos do Estado e, desse modo, muitos deles se uniram na adoção de soluções autoritárias e desmobilização social. O antiliberalismo desses intelectuais, sua desconfiança das elites econômicas, assim como sua crença no poder das ideias que conduzem à ação coincidiu com posições sustentadas por largos setores das elites políticas e sociais. E, na medida em que tais elites expressavam o desejo de ‘redescobrir’ o Brasil verdadeiro e de construir cientificamente uma identidade nacional, esse mesmo antiliberalismo encontrou ressonância nas tentativas do Estado em erigir um senso de nacionalidade e forjar uma unidade política e cultural orgânica. (JOHNSON, 1995, p.175)

Existe um movimento de esclarecimento sobre os fatos vivenciados e o próprio desenvolvimento do capitalismo tornara o trabalho intelectual um trabalho assalariado e esse sujeito terá que se organizar como os demais grupos para lutar pelos seus interesses específicos como melhores salários e autonomia, em que sua sobrevivência como produtores da cultura estará vinculada a construção de uma sociedade democrática.



Entretanto, a porta do favor estará aberta para defender o estado a burguesia como foi exercitado tradicionalmente:

Ao contrário, a literatura e a prática literária brasileira participam e expressam, de várias maneiras, as clivagens que caracterizam o pensamento da elite social de modo geral. Ambas servem em última instância para reproduzir, em mercados de bens simbólicos, a estrutura hierárquica da sociedade brasileira. Dizer que o campo literário reproduz a sociedade não é denegrir o valor da obra artística ou literária. Pelo contrário. Isso ajuda a explicar o seu poder, sua autoridade e sua função social. (...) A literatura e a cultura expressam os valores, as ansiedades e as preocupações de um certo segmento da sociedade, possuindo, portanto, um valor essencialmente positivo, pelo menos para aquele segmento. Ao mesmo tempo, torna-se difícil discutir a universalidade desses valores mesmo dentro de um contexto nacional específico. Pelo contrário, ao expressar os valores de fração específica de uma classe e ao se reproduzir, a prática literária tende a participar dos trabalhos de reprodução social, reforçando, desse modo, aqueles valores e a estrutura social da qual emerge. (JOHNSON, 1995, p.166)

Essa é a visada para o amanuense que elabora círculo de convivência para administrar suas perdas. O alheamento de Belmiro tem a ver com sua anulação, que as estruturas de poder assujeitam sua função intelectual. Seu ritmo introspectivo e ativo, no sonho e na peripécia revela que o romance não se belmiriza por completo. Há nele potencialidade de denúncia, sobretudo pela via negativa a mostrar a tragicidade do herói. O amanuense é intimista, mas não fica só por aí, mas é por meio de sua liricização que ele age e seu achatamento é motivo de ação/reflexão sobre a classe que pertence.

Assim, dialeticamente é por se afastar e não poder agir que ele age e registra de forma aguda essa tensão na formação nacional. Além disso, há de se reiterar a crítica de Luiz Bueno que Belmiro é um intelectual epidérmico, que mantém com a literatura uma relação falsamente construída, assim como ele faz com seu passado. (BUENO, 2006, p.557). Retoricamente se constrói como escritor e seu desvelamento é sempre melancólico. A cisão de Belmiro revela seu desolamento e deixa evidente a impossibilidade de harmonia, ainda que ilusória. Seja no passado ou no presente, como aristocrata decadente ou como funcionário público e intelectual não há resolução da problemática. A própria duplicidade entre o narrador e o narrado se relaciona intimamente além do processo de degradação social com a melancolia. Suas anotações representam sua busca falida no mundo degradado. Seu lirismo é nostálgico por um lugar que já não mais está no presente ou no passado. Nele se impõe o sentimento de impotência e de uma busca fracassada. Não há mais reconciliação ou uma totalidade que abarque de modo



autentico a interioridade e a realidade, transformando o Belmiro em um sujeito, em um indivíduo pleno. A crise instaurada dentro da interioridade, repleta de lirismo, revela a absorção do mundo e da realidade. Aliás, ela é a representação da crise da circunstância histórica

REFERÊNCIAS

- ANJOS, Cyro dos. *O amanuense Belmiro*. Belo Horizonte: Livraria Garnier, 1983.
- ADORNO, Theodor. W.; HORKHEIMER, M. *Dialética do Esclarecimento*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1985.
- BORNHEIM, Gerd A. *Dialética: teoria, práxis; Ensaio para uma crítica da fundamentação ontológica da Dialética*. 2. ed. Porto Alegre: Globo, 1983.
- BUENO, Luis. *Uma História do romance de 30*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Campinas: Editora da Unicamp, 2006.
- CANDIDO, Antonio. *Brigada ligeira*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004.
- CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004.
- CARA, Salete de Almeida. A data histórica do intelectual em crise. In: MARGATO, Izabel & GOMES, Renato Cordeiro (orgs) *O intelectual e o espaço público*. Belo Horizonte: ED.UFMG, 2015, p.307-318.
- COUTINHO, Carlos Nelson. *Cultura e Sociedade no Brasil: Ensaio sobre idéias e formas*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Editora Contexto, 2009.
- FERNANDES, Marcos Rogério Cordeiro. Dualismo e dialética em Cyro dos Anjos: O amanuense Belmiro. In *Literatura Brasileira: 1930/Andrea Sirihal Werkema... [et al.]* (organizadores) – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.
- GIL, Fernando C. *O romance da urbanização*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.
- GIL, Fernando C. “Experiência Urbana e Romance Brasileiro.” *Revista Letras*. Curitiba. n 64. 2004, p. 67-76.
- GLEDSON, John. “O funcionário público como narrador: *O amanuense Belmiro e Angústia*”. In: GLEDSON, John. *Influências e Impasses: Drummond e alguns contemporâneos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Cia. das Letras, 1992.
- JOHNSON, Randal. *A dinâmica do campo literário brasileiro (1930-1945)*. Revista USP, São Paulo, número 26, junho/julho/agosto, 1995.
- LAFETÁ, João Luiz. *1930: A Crítica e o Modernismo*. São Paulo: Duas Cidades; ed. 34, 2000.
- LUKÁCS, Georg. *A teoria do romance*. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2000.
- MAZZEO, Antonio Carlos. *Estado e burguesia no Brasil: origens da autocracia burguesa*. 3ed. São Paulo: ed. Boi Tempo, 2015
- MICELI, Sergio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- MUKAROVSKY, Jan. “O Estruturalismo na Estética e na Ciência Literária”. In: TOLEDO, Dionísio (org.). *Círculo Lingüístico de Praga: estruturalismo e semiologia*. Porto Alegre: Globo, 1978.
- PAES, José Paulo. “O pobre diabo na Literatura Brasileira”. In: _____ *A aventura literária: ensaios sobre ficção e ficções*. São Paulo: Cia das Letras, 2000, p.39-61.



ROUANET, Sérgio Paulo. *Riso e melancolia: a forma shandiana em Sterne, Diderot, Xavier de Maistre, Almeida Garrett e Machado de Assis*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SCHOENTJES, P. *La poética de la ironia*. Madrid: Catedra, 2003.

SCHWARZ, Roberto. *O pai de família e outros estudos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

SCHWARZ, Roberto. *Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis*. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2000.

SCHWARZ, Roberto. Nunca fomos tão engajados. In *Sequências Brasileira*, São Paulo: Cia das letras, 1999, p.172-177.

SOUZA, Ronaldo de Melo e. *O romance tragicômico de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2006.